

Cartas do São Francisco:

novas e antigas conversas

Danuse Pereira Vieira

Obra resenhada: LACERDA, Nilma. Cartas do São Francisco: novas e antigas conversas. Brasília DF: Matizes Dumont/ ICAD, 2023.

Ao resenhar “Cartas do São Francisco: novas e antigas conversas”, navego por águas cheias de histórias e marcadas pela trajetória da autora e professora Nilma Lacerda. Assim como o nosso “velho Chico”, o curso da leitura deste livro é perene, desvenda paisagens imagéticas, interiores, reflexivas, intelectuais... Cada página é correnteza impregnada de significados densos que conecta o leitor às suas margens, renovando o pensar e irrigando a alma com provocações, conceitualizações, imagens férteis.

Assim como somos reticências, a leitura dessa narrativa de viagens pelo São Francisco, aliada ao resgate reflexivo da autora sobre autoria e formação do leitor, traduz o caráter desafiador de revisitar histórias que, embora aparentemente encerradas, permanecem abertas à interpretação, à reinvenção e ao questionamento. Nilma Lacerda não coloca pontos finais em suas novas e antigas conversas, mas o trajeto de sua narrativa intriga o leitor, porque lhe estende um mapa “inacabado”; inspira novos autores, porque lhes diz que é necessário um projeto estético que atenda a si e ao seu leitor, e que, mesmo na solidão intrínseca àquele que escreve, não se renda à pressa e ao açodamento. A autora faz correr pelo professor-leitor novas águas que o convidam a compartilhar com seus alunos o gozo do prazer estético que a literatura é capaz de provocar.



O caminho das águas do São Francisco foi viagem que revelou cidades, recortes culturais em cliques de Paulo Cesar Lacerda recontextualizados em papel com alta gramatura, e o requintado projeto gráfico demarcou com cores as duas partes do livro. A primeira é perpassada pelos diálogos entre a autora e Rilke, poeta do século XX, dono de uma poesia sensível, introspectiva. Em “Cartas a um Jovem Poeta” o autor aconselha um jovem que busca ser escritor, tensionando sobre solidão, criatividade e o papel da arte na vida. Assim como Rilke, Nilma, ao longo de sua viagem pelo rio, locus de inspiração e reflexões de muitos (Castro Alves, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa...), também troca cartas com um autor que a procura repleto de preocupações, tensionamentos sobre literatura para criança e jovens. As correspondências trocadas ao longo do percurso pelo São Francisco teceram reflexões relevantes tanto para leitores apaixonados quanto para professores que colocam a leitura de textos literários no coração de suas salas de aula. Nilma problematiza a presença do mal, da morte, do preconceito, da guerra, do suicídio, do assassinato, da tirania na literatura para crianças e jovens, convidando seu correspondente-autor-leitor a considerar que “viver comporta ganhos e perdas e de que a linha da vida é trêmula e resistente” (Lacerda, 2023, p.37). A autora, em diálogo com Rilke e com seu correspondente-autor, reflete sobre as implicações éticas da literatura, no movimento de possibilitar ao leitor a presença do porvir, do agir no futuro, lembrando-nos da nossa dimensão humana, precária, finita e da arte como uma maneira de viver.

A segunda parte de “Cartas do São Francisco” inicia-se em tons de azul, com foto do vapor Benjamim Guimarães (de Analise Santos) e diálogo com as palavras de Umberto Eco (2003) que apontam a exclusão da educação, dos livros, do diálogo como raiz dos

comportamentos violentos, desumanos e da marginalização. Literatura, passeios e ponderações tecem as novas conversas da autora, as quais a própria denomina como misto de ensaio e literatura de viagens. Fotos de objetos, de manuscritos da autora, de elementos culturais da região navegada permeiam plasticamente as páginas e enchem o olhar dos leitores. Aos poucos, Nilma Lacerda revela a escritura como ato solitário, que impulsiona o caminhar pela penumbra e encontra a denúncia, o entendimento... a encruzilhada — tarefa de quem escreve literatura.

Professora que é, Nilma reflete sobre a formação do leitor. Nesse ponto da narrativa, sugiro aos leitores de “Cartas do São Francisco”, sobretudo os docentes, que se aproximem do livro em conversa íntima: peguem um lápis, grifem as reflexões que vibram, ou, para os mais zelosos com o corpo do livro, deixem suas notas em um pedaço de papel. Enquanto anotam, dialoguem com a autora – não como quem busca respostas, mas como quem se permite ouvir, refletir, silenciar e responder no tempo do porvir.

Frente à questão sobre como podemos formar leitores, a autora, professora Nilma Lacerda, rejeita a ideia de “formação”. Em vez disso, ela defende a oferta de leitura para crianças e adolescentes, e o distanciamento das amarras do didatismo, que colocam a leitura literária como obrigação e a cobrem com artificialismo didático. Advoga-se a biblioteca como direito e espaço para exercício da cidadania e de consumo de bens de cultura. Durante as novas conversas, Nilma sublinha o desejo humano com uma linguagem metafórica e instigante. A autora nos transporta para um mercado público. Ora, conhecer uma cidade é também explorar seu mercado, suas cores... Estamos em viagem e, sinestesticamente, das páginas do livro emergem cheiros, texturas, cores que nos convidam a saborear

livros como quem percorre uma feira— a cada banca, um novo sabor, que pode ser saboreado fresco, cozido ou cru.

Na busca por perguntas, Nilma Lacerda tece caminhos sobre o lugar da literatura e a inserção da leitura na cena das escolas públicas brasileiras a partir do período de redemocratização. Convoca autores como Antonio Candido, Marina Colasanti, Silviano Santiano, Michel Certeau, Hans Magnus Enzensberger, Armando Petrucci, Barthes, Ítalo Calvino, Daniel Pennac, Roger Chartier, construindo ponderações sobre a relação entre arte e sociedade.

Entre bosques e clareiras, a autora reflete sobre leitura como prática cultural acessível a todos e em constante expansão, destacando a importância da qualidade sobre a quantidade de livros lidos. Nilma também reconhece os novos suportes que recriam a dinâmica da leitura e alerta para o risco da fragmentação textual e da colagem de trechos de obras, práticas que podem desvalorizar o livro impresso. Quanto ao destino da leitura em tempos atuais, diante do consumo da literatura trivial, a autora nos sinaliza que ainda é cedo para prognósticos. Talvez, assim como dito, precisemos do tempo... “o tempo é tudo aquilo de que precisamos para saber-nos e saber do outro em relação a nós” (Lacerda, 2023, p.117).

Recomenda-se a leitura de outros livros da premiada Nilma Lacerda, cuja vasta produção literária é amplamente reconhecida. Entre suas produções destacam-se: “Dois passos pássaros. E o voo arcanjo” (1987) recebeu o Prêmio Alfredo Machado Quintella, concedido pela Fundação Nacional do livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); “Viver é feito à mão/ Viver é risco em vermelho” (1989) foi considerado Altamente Recomendável Jovem pela FNLIJ; “As fatias do mundo” (1997) conquistou o Prêmio Jabuti em literatura juvenil e o Prêmio Orígenes Lessa (FNLIJ), e “Cartas do São Francisco: conversas com

Rilke à beira do rio” (2000) foi laureado com o Prêmio Cecília Meireles de ensaio. Em 2010, “Sortes de Villamor” conquistou o Prêmio Brasília de Literatura e o terceiro lugar no Jabuti.

REFERÊNCIAS

ECO, Humberto. **Sobre a Literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOBRE A AUTORA

Danuse Pereira Vieira é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense – FEUFF. É bacharel e licenciada em Letras Clássica, doutora e mestra em Linguística Aplicada pela UFRJ. No magistério, atuou na Educação Básica. Realiza pesquisa no campo dos estudos linguísticos, em especial, na esfera do(s) letramento(s).